

Torcida fiel até debaixo d'água

A chuva salvou a pele do PMDB, que mais uma vez enfrentou a praça vazia de povo, ou frustrou o grande desafio do maior partido brasileiro, que pretendia no encerramento da campanha realizar o maior comício da história do Distrito Federal?

Impossível dar uma resposta precisa. Mas, no meio da lama de cartazes que ficou sobre o asfalto do estacionamento da "Praça do Povo", restou uma certeza: a torcida organizada do partido é fiel até debaixo d'água. Quanto mais a chuva caía e os candidatos se desanimavam, mais ela gritava, pulava e dançava.

E soube rechaçar com veemência a proposta de Carlos Couto, presidente da 1ª Zonal do PMDB (Plano Piloto), responsável pela organização do comício que ao ver a praça va-

zia e a chuva teimando em cair foi ao microfone propor a desistência do comício. Recebeu em resposta, uma grande vaia. Diante da reação, pôs sua proposta em votação, foi rejeitada, por quase unanimidade, pela platéia molhada e indócil.

Não houve solução, senão iniciar a série de discursos. O candidato ao Senado Maerle Ferreira Lima foi o primeiro a falar. Destacou que, ali mesmo na "Praça do Povo", ele como presidente fundador do partido viu-se cercado pela polícia. Esta, segundo os jornais da época, precisou de usar da violência para fazer o que a chuva fez ontem. Num gesto de altruísmo eleitoral, pediu votos para todos os candidatos do PMDB, inclusive seu companheiro de chapa, Wilson de Andrade.

Até a hora de iniciar o

comício, a direção do PMDB não sabia se poderia realizar a concentração, pois tinha chegado à sede do partido a notícia de que o PDT solicitara ao juiz fiscalizador a interdição do ato público, previsto para a Praça do Povo. E que a interdição tinha sido deferida.

Segundo a notícia, a interdição residia no fato de o local ter sido liberado pela Secretaria de Segurança Pública tanto para o PMDB como para o PDT; e como o PDT tinha feito o pedido em primeiro lugar, a ele tocava a prioridade.

Milton Seligman logo procurou contato com Maurício Corrêa, por telefone, argumentando que seu palanque precisava, no mínimo de 24 horas para ser desmontado e de outras 12 horas para deixar o local. Por isto propôs um acordo de cavalheiros. Do outro lado, o presidente do PDT alegou

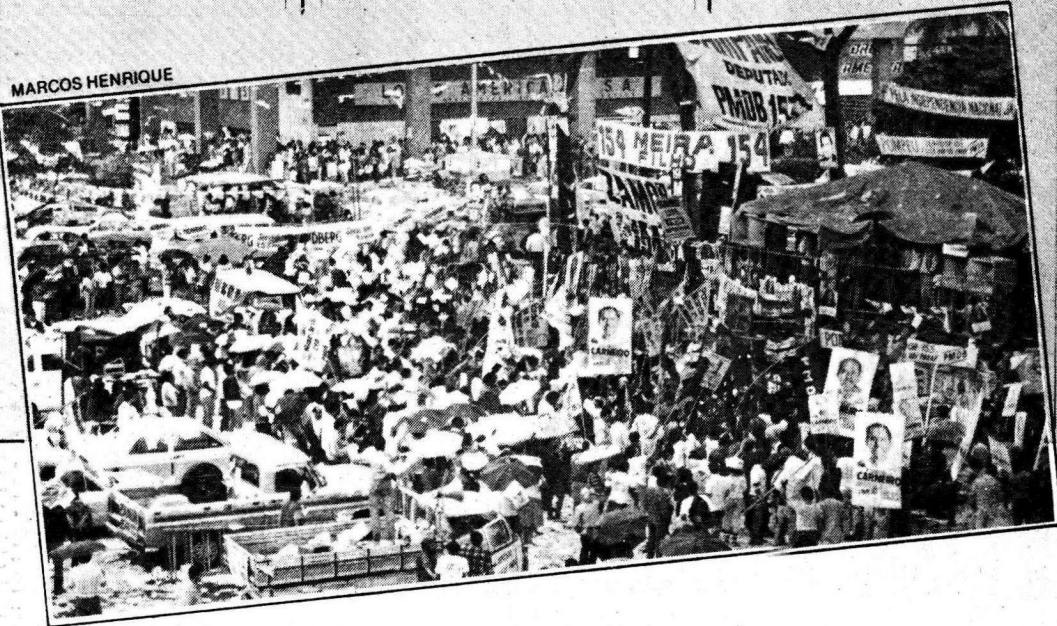
que a iniciativa não era de seu partido, mas do candidato a deputado federal Brígido Ramos. Este foi imediatamente procurado por toda a cidade, sem ser encontrado.

No impasse, o Departamento Jurídico do PMDB decidiu tomar medidas cautelares, iniciando por uma petição ao juiz fiscalizador. Nela, solicitava a confirmação do seu comício na Praça do Povo e que se determinasse ao candidato do PDT alterar seu local de concentração.

Tudo, no entanto, não passava de um grande equívoco. O pedido de interdição se baseava no fato de a Praça do Povo, local do comício do PMDB, estar situada a menos de 500 metros do Hospital de Base. Como se ficou sabendo mais tarde, o comício de Brígido Ramos e Maurício Corrêa estava previsto para o Setor Comercial Sul, mas na Praça do BRB (ou Praça Vermelha), em frente às Edições Paulinas.

Enquanto os candidatos do PMDB faziam seus discursos sem ser incomodados, no show comício de Brígido Ramos o conjunto de roque Supersom, 2.000 atacava com músicas da moda, fazendo uma pequena platéia dançar sob a chuva, integrada por rapazes e moças que não disfarçavam as camisetinhas com mensagens e retratos de candidatos do PMDB, numa confraternização espontânea que a direção dos dois partidos, diante da falta de público para seus comícios, não soube promover.

MARCOS HENRIQUE



Sob muita chuva, o PMDB realizou na Praça do Povo o comício de encerramento de sua campanha eleitoral.